

O CHRISTÃO

NÓS PRÉGAMOS A CHRISTO.

1^a Epist. aos Corinthios cap. I, v. 23.

Redacção:

Rua de S. Pedro N. 102

RIO DE JANEIRO

REDACTORES DIVERSOS

Publicação mensal

Assignatura anual 3\$000

ADIANTADOS

Principia em qualquer mez, mas finda em Dezembro

ANNO XII

Rio de Janeiro, Janeiro de 1903

NUM. 133

O CHRISTÃO

XII ANNO

Com este numero, encetamos o nosso decimo segundo anno de existencia. Com excepção do « Expositor Christão », é actualmente o « Christão », a folha evangelica mais antiga do Brasil, que sem interrupção tem sido publicada. Durante o relativamente longo periodo da nossa existencia, muitas outras folhas evangelicas tem surgido no campo evangelico, e maior numero tem desapparecido da arena jornalística.

A falta de uma boa orientação, a ausencia de uma administração entendida, mas, sobre tudo a falta de meios pecuniarios para sustentar a publicação são as causas determinantes do desapparecimento prematuro de todos esses collegas evangelicos.

Mas a falta de meios pecuniarios para sustentar a folha provem quasi sempre, senão sempre, do pouco caso dos assignantes de contribuirem regularmente com a importancia das suas respectivas assignaturas.

Os irmãos são promptos e exactos no pagamento de todas as outras dívidas, mas negligenciam de modo espantoso o pagamento da pequena importancia de sua assignatura! E' a queixa geral, sem excepção, que se encontra em todas as folhas evangelicas, nos seus numeros de fim de um anno ou principio de outro,

E não é questão de grande ou pequena importancia de assignatura; pois seja o jornal de 2\$ por anno, como de 5\$ ou como de 10\$, o desleixo por parte de quasi metade dos assignantes é sempre o mesmo; e as redacções passam pelo vexame de continuamente estarem solicitando a boa vontade de seus subscriptores para saldarem seus debitos, de 1, 2, 3 e mais annos até!

Pôde se dizer que, com bem poucas excepções, não ha jornal evangelico que não tenha numero suficiente de assignantes, para sustentar-se indefinidamente, si todos fossem pontuaes no pagamento de suas assignaturas. Mas o que se vê é que logo no fim do 1^o anno, se não muito antes, as redacções começam a pedir que se lhes pague a assignatura que tomaram! Muitos e muitos, findo, o 1.^o anno, continuam a receber o jornal, durante muito tempo, lêm-no com gosto, lêm tambem os continuos appellos da redacção, e nenhuma se importa de mandar renovar a assignatura da qual depende a vida do jornal que apreciam. E si no fim de uma longa espera, a administração, por motivo de ordem economica, corta de sua lista taes assignantes preguiçosos no cumprimento do seu dever, « aqui d'El-Rey! » — ficam furiosos, como si se tivesse commettido uma injustiça contra elles: clamam contra a *barbaridade*; e reclamam em termos energicos. Alguns pagam os atrasos; mas se não pagam, começam a achar na folha que durante muito tempo receberam gratis, uma porção de defeitos e masellas, que antes não encontraram!...

Fallamos por nossa propria experiença,

mas qualquer dos nossos collegas evangelicos pôde dar o mesmo testemunho, sobre todos os pontos acima em que temos tocado; não é segredo.

O numero de assignantes que tem a maior parte das nossas folhas evangelicas, daria bem para sustentar-as, si todos pagassem sempre pontualmente a assignatura; mas é justamente devido a esse pouco caso dos assignantes, que os donativos exercem grande papel na vida de uma folha evangelica. Não fosse a caridade e o amor dos crentes exercido por essa forma, não fossem os donativos, de qualquer especie, ou de qualquer modo feitos, e o destino de toda e qualquer folha evangelica seria fatalmente uma morte precoce.

De facto não conhecemos no Brasil uma unica folha evangelica que viva exclusivamente das suas assignatura, todas elles recebem donativos e auxilios extraordinarios sob diferentes formas, e sob diversos nomes, e meios; e assim vivem trazendo em dia (quando trazem) as suas despesas.

E' necessario uma radical reforma em nossos habitos, neste sentido. As folhas evangelicas são um bom symptom do progresso da Causa; e são absolutamente necessarias como meio de disseminação das Verdades Evangelicas; alem de manter um grande circulo de leitores ao corrente do movimento interno religioso das congregações evangelicas.

Cumpre pois que todos os crentes auxiliem os jornaes evangelicos, ou tomado novas assignaturas, ou reformando as antigas, mas em qualquer dos casos, devem fazer o proposito de serem pontuaes no pagamento das assignaturas, porque isso é de justiça e é de direito.

Essa folha pôde assim falar e assim aconselhar de modo geral, em prol do bem de todos, tanto mais imparcialmente, quanto não depende dos assignantes para manter sua vida de combate pela causa de Christo. Ela está garantida pela generosidade e amor christão de alguns servos do Senhor.

Além da pontualidade para com todas as causas de Christo, desejamos aos nossos leitores e assignantes um anno cheio de bençãos do Senhor, e de paz, alegria e

prosperidade para elles e para suas famílias.

O programma desta folha é muito conhecido; elle será mantido da mesma forma, neste novo anno.

Assim Deus nos ajude.

Estudo Bíblico

OS SERVOS INUTEIS — LUCAS 17:1-10

A passagem do v. 1 a 10 ensina-nos que Deus requer dos homens uma completa obediencia, e quando esta é prestada, Elle não fica debaixo d'alguma obrigação, nem o servo tem direito a recompensa: cumpriu o seu dever.

Ainda que no fim desta passagem a regra é universal, no principio é particularmente especificada para que haja promptidão de perdoar injurias que recebemos. Além do ponto que constitue a principal parte do assumpto, diversas circunstancias de alta importancia estão envolvidas.

Para que os discípulos estivessem preparados para as provas, pelas quaes haviam de passar, o Senhor Jesus diz que «é impossivel deixar de haver escandalos» e sobre os que os causam, Elle pronuncia uma imprecação:

«Ai daquelle por quem elles vem». Olhando para aquelles que são seus, semelhantes aos que agora estão consigo, e os que haviam de crer até o fim do mundo, chama-os — «pequeninos», — e diz que «seria melhor que se lhe atasse ao pescoço uma pedra de moinho, e que fosse precipitado no mar, do que ser elle a causa de escandalizar um destes pequeninos (v. 2).

Fallando expressamente para o beneficio de seus companheiros, Elle era mais concernente a ensinal-los como soffrer injurias do que ordenal-los a cuidar de não injuriar outros.

A parte principal dos deveres christãos consiste em saber soffrer, e quando aquela parte do seu dever é exercida, é mais efficaz em servir a Deus e convencer os homens do que outra qualquer causa.

O Senhor ensina dizendo: «Estai com cuidado sobre vós»; não diz que se acualem de receber injurias, mas que tenham

nidado de não peccarem quer quando são injuriados, quer não offendendo outros.

Depois da descida do Espírito Santo vemos que os discípulos já estavam alguma cousa adiantados nesta lição. Os discípulos naquelle tempo, especialmente Pedro e João, sendo cruelmente tratados pelas autoridades judaicas, quando se reuniam para oração suas expressões eram: « Agora, pois, Senhor, olha para as suas ameaças, e concede a teus servos, que com toda a liberdade fallem a tua palavra. » (Actos 4:29).

Elles tinham sido injuriados e inocentemente sofreram e oraram.

Não devemos suppor que o Senhor Jesus quer que os seus discípulos sofram e recebam injurias caladamente.

Devemos tolerar e, perdoar, mas é preciso fazer conhecer a injúria, pois d'outra sorte em lugar de benefício fará mal ao injuriador, e elle poderá ser animado a continuar a injuriar-nos: « Se teu irmão pecar contra ti, vae e corrige-o, se te ouvir, ganhado terás teu irmão » (Math. 18:15).

O dever de perdoar injurias não é modificado pela quantidade de vezes que a injúria é feita.

A expressão « sete vezes no dia » é para ensinar-nos que não há limites para o perdão. O cristão não tem de contar o número de injurias que tem recebido e recusar o perdão. O exemplo do Senhor Jesus é a norma para os seus discípulos: « Amae uns aos outros, como eu vos amei ».

No verso 5 temos o pedido que os apóstolos fizeram aumento de fé. Quando elles ouviram o Senhor Jesus no modo como deviam proceder no recebimento de injurias e perdoal-as, sentiram o peso ser grande, maior do que elles podiam suportar. Não tinham em seus corações tanta paciencia e amor para cumprirem com este mandamento, portanto pediram aumento de fé. Nesta curta oração elles manifestaram (1) terem fé, mas precisavam que ella fosse aumentada, (2) que é a maior fé que produz mais obediencia; (3) que a fé que obra por amor é um dom de Deus.

Em tudo isto estes apóstolos eram ensinados pelo Espírito Santo d'um modo intelligente e correcto.

No pedido que fizeram (v. 5) e na resposta que o Senhor Jesus deu (v. 6), é assumida distintamente a verdade fundamental em religião, que a fé está junta à

raiz da obediencia. Quando uma requisição foi feita para elles sofrerem e perdoarem, não pediram poder para isto, mas aumento de fé.

O Senhor Jesus approva o pedido e mostra que as dificuldades seriam vencidas pela fé; « Se tiverdes fé » (v. 6). A mesma linguagem é empregada em Math. 17 v. 19; em ambos os casos a fé é um poder para vencer as dificuldades.

A lição passa então a ser ilustrada por uma parábola: « Qual é pois de vós » (v. 8). O propósito do Senhor Jesus é ensinar que a obediencia não constitue mérito perante Deus. O que fazemos é como servo e depois de termos feito o que nos foi mandado, devemos dizer: « Somos servos inuteis, fizemos o que devíamos fazer » (v. 10).

Deus nos tem dado tudo, possue tudo e tem direito a tudo. Nós lhe pertencemos pela criação e redenção em Christo. Os cristãos não são de si mesmos; elles foram comprados por um grande preço; quando tiverem empregado todos os seus poderes à vontade de Deus, não terão feito mais do que o seu dever.

Nosso Amo faz o nosso trabalho ser fácil: Como o pai se compadece dos filhos, assim se tem compadecido o Senhor dos que o temem. (Salmo 102 v. 13). Na sua Providência Elle prova a nossa paciencia, fé e obediencia, permitindo sofrimentos de alguma natureza, e quando temos sido provados e obedientes, digamos « fizemos o que devíamos fazer ».

João dos SANTOS.

Religião Official

Sorrateiramente o clero vae sempre tentando associar actos dos poderes publicos a cerimônias do culto romano, querendo desta arte impor um culto romano oficial à nação, quando a lei expressamente o proíbe.

Das Varias Notícias do «Jornal do Commercio», tiramos esta, em que se descobre uma dessas tentativas manhosas do clero.

Escreve-nos antigo jornalista:

« Acabo de ler um officio, transcripto nos jornaes de hoje, em que o Sr. Monsenhor João Pires de Amorim, Vigario Geral deste Arcebispado, pede ao Sr. Dr. Chefe de Policia a « proibição formal de

todo e qualquer acto religioso publico, celebrado nas ruas ou em casas particulares armadas em capellas, sem a necessaria licença da auctoridade ecclesiastica. »

Com quanto muito precedentes as razões em que o Sr. Vigario Geral funda o seu appello, não me parece que o Sr. Dr. Chefe de Policia possa *legalmente* desfri-lo.

No regimen actual, o Estado não tem religião, nem pôde *proteger* ou perseguir este ou aquele culto. Perante a Policia, a igreja catholica é uma associação como qualquer outra, em cuja economia íntima não pôde intervir, seja para manter as deliberações privadas de suas auctoridades ou para as contrariar, uma vez que não affectem os interesses da communhão social.

O poder civil nada tem com as capellas ou confrarias que pretendem festejar o Natal a seu modo e sem licença do superior ecclesiastico. Apenas devem vigial-as para que não pratiquem actos ilícitos nem provoquem alteração da ordem publica. Perante o Código não é crime desobedecer ao chefe do Arcebispado.

O Sr. Vigario Geral falla em precedentes. Em que se basearam elles?

Houve porventura, nesta cidade algum Chefe de Policia republicano tão esquecido de seus deveres que fosse ás capellas e devoções religiosas verificar se estavam elles devidamente licenciadas pelas auctoridades da igreja? Não o crêmos. Ha certamente ahí um equívoco.

O Sr. Vigario Geral, sim, pretende iniciar um mau precedente. Deseja nada menos do que obter o braço forte do poder temporal para compellir os catholicos á obediencia aos preceitos da sua igreja.

Não é lícito ao Governo attender ao ilustre Monsenhor Amorim, pois, do contrario, terá depois que satisfazer igualmente ás solicitações dos pastores protestantes, do Apostolado Positivista, da Federação Spirita, etc., sempre que estes quizerem chamar á força ao aprisco á ovelhas tresmalhadas.

O Sr. Vigario provavelmente se suppõe ainda no tempo do padroado, em que a igreja dispunha das armas militares para impôr seus dogmas e mandamentos.

Tenha paciencia o honrado sacerdote; e não deixe de considerar no triste symptoma que seu pedido está a traduzir: —

o catholicismo que se diz divino, já não tem força moral sequer para ser obedecido em actos elementares de culto. E' evidente que está exhausto o seu poder espiritual. »

Último Recurso

II

«Em nós certamente não ha tantas forças que possamos resistir a esta multidão que vem sobre nós.

Mas, como não sabemos o que devemos fazer por isso não nos fica outro recurso mais que voltar para ti os nossos olhos.»

Estas foram as palavras da oração que Josafat dirigiu a Deus quando se viu rodeado em Jerusalém de inimigos poderosos que queriam destruir o seu reino. Então, convocando para o Templo todo o povo de Judá, não só os homens sómente, segundo o antigo costume, mas também mulheres e creanças, elevou a Deus a ardente supplica que encontramos arquivada na Biblia para nossa instrucção.

Na vida, nós estamos continuamente rodeados de inimigos poderosos; inimigos de toda a especie, de todas as qualidades, inimigos animados e inanimados, de ordem moral e de ordem material; inimigos espirituais, inimigos sociaes, inimigos physicos, inimigos por toda a parte, emfim; dentro e fóra de nossa patria, dentro e fóra dos nossos lares, dentro e fóra de nós mesmos!...

E' por isso que, com muita razão, a vida é constantemente comparada, e identificada a uma lucta constante, a um combate de morte, a uma guerra sem treguas.

«Viver é lutar.»

«A vida é luta renhida». E a propria Biblia tambem nos diz: — «os dias do homem são curtos e cheios de luctas; a sua vida é uma guerra continua.»

De todas as comparações da Vida, esta é a que mais se approxima da verdade. Viver é lutar.

Viver é combater sem cessar os inimigos que nos rodeiam.

Para nós, crentes, então esse combate continuo é mais encarniçado ainda.

A crença pura em Nosso Senhor Jesu Christo, nos acarreta maior numero d

temerosos adversarios do que para o com
múlti dos homens.

As Verdades evangelicas são de todo incompatíveis com muitíssimas cousas que são compatíveis com as doutrinas do mundo; e por isso forçosamente os seguidores do Evangelho puro levantam contra si outros tantos ferozes inimigos que para os homens do mundo são aliados e amigos. Para o crente, portanto, mais do que para qualquer outro homem, a vida é lucta renhida.

É quando, pois, lançamos o olhar ao redor de nós e descobrimos a multidão dos inimigos a que temos de dar combate, com razão exclamaremos, como aquelle rei piedoso, desesperados da nossa fraqueza mas confiantes na fortaleza do Altíssimo. «Oh! Deus! em nós certamente não ha tantas forças que possamos resistir a esta multidão de inimigos que vem sobre nós.»

Então appellamos para o ultimo recurso dos fracos e sem forças—Deus!

Todas as dificuldades e obstáculos que se nos antolham no correr da existencia, são outros tantos inimigos que é preciso vencer.

Mas os nossos maiores inimigos são os que partem de dentro de nós mesmos: os nossos desejos, os nossos maus sentimentos, os nossos maus pensamentos, que nos levam á prática de muitas coisas, que são outras tantas dificuldades contra as quaes teremos de lutar depois.

E nesta lucta pela vida, nesta guerra continua contra tantos inimigos, usamos de todos os recursos humanos que nos facultam a nossa inteligencia e a bondade de Deus.

Todos elles falham muitas vezes: então appellamos para o ultimo recurso que não falha—Deus!

Nesses tristes momentos de aperto, ante o poderoso inimigo a vencer, ergamos os olhos aos céus, e os labios pronunciem esta ardente prece partida do fundo do coração: «Como não sabemos o que devemos fazer, por isso não nos fica outro recurso mais, que voltar para Ti os nossos olhos!»

Sublime consolação!

Recurso Soberano!

LAURESTO.

O Confessionario

EX-VIGARIO J. M. SOLEY

E' o confessionario a verdadeira e secreta inquisição (o Romanismo não pôde existir sem a inquisição); é a inquisição das consciencias, a perturbadora da paz, o veneno mais activo que chega não sómente a corromper todas e cada uma das partes constituintes do ser humano, senão que tambem o aniquila. E' a verdadeira esterqueira de todas as iniquidades, de todos os crimes e de todos os desgostos da humanidade. Não imputa mal? Oh absurdo! O confessionario corrompe e envenena mais e mais ao confessor e ao mesmo tempo corrompe e envenena as chamadas filhas de confissão. Vamos por partes. Corrompe e envenena a infancia. O fanatismo que domina as mães que seguem a doutrina do Romanismo, mandam as pequenas crianças a se confessar. Aprende com isto alguma cousa a inocente creança? Não. Só começa a beber o veneno que em pequenas doses administra-lhe o padre confessor. O Padre escandalisa a este pequeno anjo inocente e puro sem temor de ser fulminado pela sentença do divino mestre, que diz: «Qualquer que escandalizar a um destes pequeninos que crêem em mim, melhor the fóra que the poszessem ao pescoço uma mó de atafona e que fosse lançado ao mar.

Apresenta-se ao Confessionario uma jovem de quatorze annos. Que é o que ouve? Ah! melhor é não tocar neste assunto, porque acontece como numa pequena lagôa aonde a agua da superficie aparece limpa, porém si se revolve um pouco, sae do fundo toda a sujeira. Uma jovem de 18 a 20 annos vai ao confessionario. Confessa seus peccados a seu modo, e a vergonha natural, e o proprio rubor n'uma mulher, que sempre deve ser recatada e honesta, calla verdadeiramente tudo o que o pudor não lhe permite descobrir a ninguem. Porém abri vae o confessor que não imputa nada mal e diz-lhe:

Minha filha, não se lembra de mais alguma cousa? Não, meu Padre, diz ella. Não tenha vergonha, diz o confessor, pôde explicar-se com franqueza, não tenha

medo, descubra todo seu interior para ser perdoada, pois do contrario o inferno a espera e será eternamente condenada commettendo um sacrilegio, deixando algum peccado por confessar. Vamos, filha, vamos, com confiança, não sabe que sou seu pae espiritual ? não sabe que eu deseo a sua salvação ? não sabe que é o meu dever procurar que a Senhora faça uma boa e santa confissão ? Sim, Padre, diz ella, porém, como dizer o que o pudor me impede a descobrir, como narrar o que está no recondito do meu coração ? Mas, minha filha, diz o confessor ; não sabe que tudo o que disser fica em segredo absoluto e que nunca será descoberto ? Vamos, eu vou ajudal-a. E então o confessor faz uma serie de perguntas que verdadeiramente cada uma dellas vae corrompendo o coração da joven. Termina-se a confissão, porém, o padre faz lhe a observação de voltar breve e que não mude de confessor. Si esta joven segue o conselho daquelle pae espiritual e volta com frequencia a confessar-se com o mesmo padre, não passarão muitos mezes sem que esta joven esteja de todo corrompida e envenenada ; a pedido de seu Pae espiritual será inscripta nas associações de filhas de Maria, Coração de Jesus, Apostolado da Oração e como terá tantos officios e empregos que lhe impoz o Padre, passa todo o dia na Igreja, falla com o seu confessor, fóra do confessionario, na sachristia, no escriptorio, acabando por formar-se entre ambos uma amizade tão intima que leva a esta distinta filha de confissão em desprezar a paz da familia para correr todos os dias a ver seu amado Padre espiritual. Eis aqui o resultado do veneno que foi o confessor infiltrando no coração desta joven.

Um varão justo Affonso de Lignorio dizia a este respeito : « Nunca o confessor se arrependerá de ter sido muito breve nas confissões das mulheres » (citado na Moral Romana por Scavini). Bem sabia o que dizia. Ah ! si todos os Ministros Romanos observassem este conselho não se dariam os factos que cada dia se dão e que mais e mais desmoralizam a Igreja Romana.

A innocencia ! Oh ! paez e mães, si não quereis que vossas filhas sejam deshonradas e prostituidas, não permittaes nunca que elles se ajoelhem ante a secreta inquisição. O povo clama, o povo pede que se

ja abolida a confissão. A sociedade já não te admite, o são criterio te regeita, o pudor e a honestidade te maldizem porque és e foste a deshonra das familias que choram e chorarão sempre os funestos resultados do confessionario. Ensinaste a imputar mal aos teus ministros, eis aqui os seus fructos.

(Do folheto *Revelações Clericaes.*)



“UM TIÇÃO TIRADO DE FOGO”

(Conclusão)

Si o pregador tivesse ouvido contar tudo a meu respeito e soubesse que eu estava ouvindo fóra da porta, elle não podia ter se dirigido mais directamente a mim do que o fez.

Enquanto elle fallava sobre o homem com vestimentas sujas, de pé diante do tribunal de Deus, sem esperança de perdão, e por si mesmo condennado, eu me via tal peccador culpado esperando o julgamento.

Elle disse que satanaz foi e sempre tem sido o inimigo do homem. Eu sabia disto, por experienzia propria. Porem que o proprio Juiz mostraria ser um amigo do culpado, isso era novo para mim.

Ah ! e pensar que o perdão em vez do julgamento esperava aquelle homem de vestimentas sujas, porque o Juiz era o seu Salvador ! ...

Então o pregador continuou mostrando como Deus era o amigo do peccador, e sempre o foi desde o principio. E como Elle deliberou nos salvar e planejou o modo de salvação pela morte de Jesus; e como o amor, e não a condenação era o que esperava e peccador que ia a Elle, por meio da Cruz. E como o Juiz amou tanto o mundo que lhe deu seu Unico Filho. Eu nunca antes tinha ouvido tal; e quasi nem sabia mais onde estava.

Parecia que me elevava cada vez mais alto, até alcançar um raio do amor de Deus.

Por fim, não pude supportar mais; ergui meu filhinho que tinha adormecido no meu collo e voltei para meu triste quarto.

Depois de pôr o pequeno na cama, deitei-me vestida como estava, muito feliz para poder dormir. Procurei recordar-

me de tudo; porem de muita causa não pude me lembrar. Uma causa, contudo, eu sabia:— meus vestidos sujos tinham sido tirados, meus peccados tinham saído, não por algum acto ou exforço meu, porem pela vontade de meu Salvador. Eu vi na Cruz um raio do amor de Deus, e no Juiz que eu tanto temia eu vi um amigo. Ouvi sua voz—«Tirae lhe as vestes immundas.» Oh ! que amor ! Salva ! e justamente a tempo. Procurei a Biblia e li aquele capitulo. «Um tição tirado do fogo.» Sim era eu. Oh ! meu coração está muito cheio... e uma onda de iagrimas veio alliavar aquelle coração sobrecarregado.

«Mas» disse ella cançadamente—tenho mais alguma cousa a lhe contar. Quando eu contei isso a meu marido, não ficou zangado como eu esperava, porem admirado e também curioso. Eu tenho esperança para elle ainda. Oh ! aquella mensagem que recebi no domingo passado, de noite ! Era como a voz de Deus para minha alma.

Si conhece aquelle pastor, conta-lhe isso, por mim, sim ?»

Tres semanas depois, ella moíreu feliz no Senhor.

Leitor : Não foi este «um tição tirado do fogo ?» Já foste também tirado ? A mão misericordiosa de Deus, está ainda estendida para vós; segurai a com fé, e sereis salvos.

(Trad. do inglez.)

Ilha da Madeira

Ilmo. sr. redactor do « Christão » :

Sabendo que os leitores do seu estimado jornal são sempre interessados no trabalho do Senhor, julgo que elles aceitarão uma breve conta do Seu trabalho que acabei de ver da Ilha da Madeira.

Na cidade do Funchal ha dois centros do trabalho evangelico, um da « Igreja Methodistica Episcopal » dirigida pelos revs. W. G. Smart e G. Nind, o outro da Igreja Presbyteriana da Escossia dirigida pelo rev. J. Pallison. Tive o privilegio de dar em ambas as igrejas um relatorio do progresso do trabalho do Senhor no Brasil, a ouvintes sympatheticos que folgaram muito em ouvir da benção que Deus concedia ao seu povo no Brasil. As duas ou tres primeiras reuniões ás

quaes assisti, eram um pouco incomodadas por um grupo de moços mandados, pelos inimigos da verdade, no final era um tal barulho que o rev. Smart teve de pedir socorro ao commissario de polícia—o qual concedeu que a polícia guardasse a ordem fóra da casa nas horas do culto. Em consequencia desta ordem, as reuniões tem sido boas e os assistentes escutam com interesse o som do Evangelho. Tive muito prazer em encontrar alguns crentes d' Santo da Serra onde a Igreja Methodistic' Episcopal tem um trabalho interessant' na « Mount Faith House », perto do logae onde principiou o trabalho do dr. Kaley. Estes crentes me disseram que ha já alguns quarenta membros que o povo do distrito fica muito prompto para ouvir e que visitam Monnt Taik House a todas as horas de todos os dias para indagar e aprender a ler as Escripturas Sagradas. Elles pedem as orações dos seus condiscípulos do Brasil, que Nossa Deus conceda aos madeirenses a plena liberdade de culto e que Elle abençõe os trabalhos de seus servos em tal modo que se achem muitas joias preciosas para sua coroa na ilha da Madeira.

Funchal, 24 de nov. de 1902.

E. W. S.

PASSA TRES

Com o maior brillantismo, realizou-se no dia 25 de Dezembro do anno findo a festa do Natal na Igreja Evangelica deste logar.

Uma descrição, ainda a mais minuciosa, não poderá talvez, dar uma idéa exacta do que foi aquella festa ; pois que, não ha termos proprios, nem expressões suficientes, para externarmos em determinadas ocasiões, as profundas impressões da alma. Esta, como que desprendida da materia e de todas as preoccupações da vida, eleva se aos céos, e resserá, o efeito, preciso que possuissemos, aq' seblante linguagem dos anjos, do Senhor, para podermos manifestar tudo o que se lhe passa á alma.

Deixando, pois, as livres juizadeiras possas impregnares as das que desempenharam a d'aquele acto religioso, quanto á sua

essencia, peço venia para fazer uma li-
geira descripção da festa.

— O dia 25 de Dezembro despontou ri-
sonho e encantador! A propria natureza
revestida de suas encantadoras galas, pa-
recia anunciar á creatura uma data glo-
riosa na vida dos seculos: - um facto ex-
traordinario, immensamente grande nos
annaes da vida! Um céo de puro anil;
o sol radiante e magestoso!...

— Dir-se-ia que, lá das alturas, o céo,
os astros, proclamavam ainda ao mundo
aquelle divina mensagem de Amor:

— Gloria a Deus no mais alto dos céos,
e paz na terra aos homens a quem elle
quer bem!

Um grande movimento se notava desde
pela manhã d'esse dia na nossa Casa de
Oração. E' que os Snsr. José Gomes,
Capm. Aureliano, Jabez Wright, Rev.
Joseph Orton, nosso dignissimo Pastor e
muitos outros, incansaveis como sempre,
queriam juntar aos encantos da natureza
a formosura da Casa de Oração. E confesso
que o conseguiram com muita felici-
dade, pois que, realmente achava-se elle
explendidamente ornamentado. Via-se por
toda parte, externa e internamente, arcos,
florões, cordas, palmas, flores, etc.; tudo
porém, combinado com muita arte e bom
gosto. No portico e nas paredes sabre-
hiam textos adaptados ao dia, em grandes
e bem formadas letras de papel de
varias cores. A um lado da tribuna, no
recinto, erguia-se ricamente adornada, e
bem carregada de appeteciveis ponos, a
tradicional arvore do Natal. Estava a Ca-
sa de Oração simplesmente encantadora!

A's 5 horas da tarde começou a afflu-
cia á Casa de Oração. Era admiravel,
edificeante, vê se a alegria sincera e o
respeito com que ahí entravam, em con-
tinua successão, familias e pessoas de to-
das as classes sociaes. Notei que, alem
das congregações desse logar e de outras
muitas, compareceram tambem ahí todas
as familias de Passa Tres, cujo acto foi
uma prova elevadissima e edificeante da
civilisação d'aquelle povo.

A's 6 1/2 horas já não havia um só lo-
gar desocupado, e, contudo, o povo
affluia ainda, de sorte que todos os espacos
foram tomados, ficando o Templo li-
tteralmente cheio! N'essa hora, um hymno
cantado por mais de 500 vozes e
acompanhado a orgam e cythara, deu
começo á festa.

O programma, rigorosamente observado,
constou de 4 partes.

A primeira parte foi preenchida com
hymnos de louvôr adaptados ao dia; ora-
ção feita pelo Snr. José Gomes; e leitura
do cap. XI de S. Lucas.

Fez a leitura, com muita clareza e
correcção, o Sr. Jabez Wright, e o Rev.
Orton fez a explicação da mesma, conse-
guindo impressionar agradável e benefica-
mente os assistentes, não só pela sabedoria
da applicação e confronto dos factos,
como pela propria natureza do assumpto.

A segunda parte constou de recitativos,
declamações em prosa e verso, feitas pelos
alumnos da escola evangelica; hymno,
pelo Sr. Wright, acompanhado a orgam;
hymnos e côros, pelos alumnos, acompa-
nhados a orgam e cythara,

Muito sobressaihârã nestas parte, pela
correcção e graça com que desempenha-
ram o seu papel as seguintes alumnas:
Delfina Martins, que recitou a fabula
«Os dois baldes», e Maria de Jesus, Ce-
cilia de Mattos, e Maria Rita, que recita-
ram a fabula «A cigarra e a formiga». Em
geral esteve magnifica esta parte. O
resultado da educação e da instrucção re-
velado pelas alumnas, constitue por si,
uma gloria para o Evangelho e uma co-
rôa immarcessivel de bençãos para a dis-
tinctissima professora da escola, D. Anna
B. Melville. Permittâ-se-me dizer aqui
que sómente com esta base, somente com
este alicerce, (o Evangelho) poder-se-á,
pelo exemplo visto n'esse dia por mais de
500 pessoas, conseguir a reconstrucção do
grande edificio social e moral de nossa
patria que, infelizmente jaz em completa
ruina.

A 3^a parte consistiu na distribuição das
prendas de «Boas festas», feita pelos Srs.
Orton, Wright e Gomes. — Não houve
mãos a medir, pois haviam muitas e lin-
das prendas. O serviço, porém, foi feito
com muita ordem, e era g'ral o contenta-
mento nessa occasião, muito principalmente
por parte das crianças - e de alguns nenés
de maior idade - que receberam magnificas
e proveitosas prendas.

Depois deste serviço fomos surprehen-
didos com um convite para o café, e...
para nada perder do programma, envol-
vido em uma das turmas, dirigi-me para
o refeitorio. Ali expandio-se a geral satis-
fação - por parte das crianças, pois que,

realmente foi-nos servido um abundan-
tissimo e completo café.

Nessa occasião (desculpe-me inter-
romper o programma) lembrei-me do
Grande Moysés com sua vara, em frente
do rochedo de Horeb, saciando os sequio-
sos israelitas. Aqui, porém, em vez d'á
gua, jorrava d'aquella mesa, á voz do
Capm. Aureliano, saborosissimo café e de-
liciosos biscuitos!

Depois deste serviço que observou mu-
ta ordem e regra, entrainos, finalmente,
na

4^a parte:—Exercícios de gymnastica
e outros, pelos alumnos.

Tambem nada deixou a desejar esta
parte. Todos os exercícios e manobras fo-
ram fielmente, e com muita graça, exe-
cutados.—Feliz resultado dos accuradissi-
mos esforços da digna professora D. Anna
e da sua auxiliar a Exma. Sra. D. Pris-
cilliana Cherém que, tambem, importan-
tes serviços tem prestado á causa do ins-
trucção nesta escala.

Era approximadamente, 1 hora da ma-
nhã quando terminamos o programma,
entretanto, nos parecera tão curto o tem-
po...

Cumpre-me declarar que foi admiravel
e digno de nota o respeito, a atençao e
a ordem mantidos por aquellas 600 pes-
soas, approximadamente, durante todo o
acto, e bem assim, a satisfação que tran-
sluzia em todos os semblantes.

Encerrada a festa, deu-nos a benção o
Rev. Orton, e o Sr. Francelino Ribeiro
de Mattos em uma bella e tocante allo-
cução fez o «Voto de agradecimento».

—A Congregação encarrega-me de agra-
decer (e aqui o faço) os bons ofícios e
finezas dos Amigos do Rio de Janeiro,
em ter enviado muitas e mui bellas pren-
das para as crianças; e tambem ao Capm.
Aureliano Nunes de Oliveira e á sua
Exma. esposa, aos Srs. Francelino Ribei-
ro de Mattos, José Francisco Gomes, Ma-
nuel Rodrigues Martins, D. Priscilliana
Cherém, e, finalmente, a todos que se
dignaram concorrer e ajudar material-
mente a abrilhantar esta festa.

Concluindo, cabe-me o sagrado dever de
agradecer sinceramente a amabilidade e
gentileza do tratamento igualmente dis-
pensado pela dignissima Comissão dos

festejos, julgando, deste modo, haver in-
terpretado o sentimento geral do povo.

Arrozaí de S. Sebastião, 5 de Janeiro
de 1903.

UM CONVIDADO.

O ROMANISMO

Sobre o título, «Nossa Religião», trans-
crevemos de um collega catholico desta
cidade, o bem elaborado artigo, em que
com cruel franqueza e sinceridade descre-
ve o valor da religião romana e a podri-
dão moral que no seu seio se encontra.
Escripto por um proprio catholico, o ar-
tigo tem um valor excepcional que os lei-
tores apreciarão.

A NOSSA RELIGIÃO

E' doloroso confessal-o, mas... *la verité
avant tout*, nós não temos religião.

No tempo da monarchia tinhamos reli-
gião oficial do Estado, que era semelhan-
te á illuminação antiga de azete de peixe,
cujos lampeões não se accendiam em noite
de lua mareada na folhinha, embora as
nuvens densas e cintzentas de uma trovoada
imminente tornassem a cidade escura
como o alcatrão. A religião era a mesma
ceusa, todos eram catholicos porque tinham
a fortioire de pertencer á Igreja Official,
mas poucos praticavam os deveres do ca-
tholicismo.

Veio a republica e tirou a religião ao
Estado e, povo e Estado ficaram sem reli-
gião alguma.

Ha muito quem vá a missa, quem não
perca novenários e festas, mas não é o
culto que os leva lá.

As moças vão para se encontrarem com
os namorados e estes para se encontrarem
com ellas, e as velhas para serem testemunhas
do encontro e lembrarem-se do
tempo em que faziam as mães representa-
rem aquelle papel.

Entrae na igreja e vereis quanta falta
de reverencia aos actos religiosos; de cin-
cocenta assistentes, dois ou tres, apenas es-
tarão com o respeito devido.

Antes da missa, conversas inconvenien-
tes sobre todos os assuntos; discute-se a
relaxação das criadas, narram-se as graças
dos bebés e a intelligencia do tótó.

As moças fazem mutuas confidencias
dos namoros mais recentes.

Ha devotos e devotas que não genufle-
xam nas occasões proprias das ceremonias
religiosas, e sempre se collocam na parte
mais elevada do templo, não deixando,
aos que acompanham a ceremonias no
seu livro de orações, ver o altar porque
lh' o véda aquele corpo opáco, que, em
geral, é de gente corpulenta e espadaúda.

Se ha musica, voltam as costas para o
altar para verem no coro o palmo de cara
da cantora.

Ha senhoras, que não podendo, um só
instante, separar-se do seu tótó, se fazem
acompanhar por elle, e o pobre animalejo,
que nada entende d'aquillo, leva o tempo
a, de barriga para cima, coçar o dorso, e
latir quando toca a campainha, pensando
que estão tocando a sineta da cancella.

Muitas senhoras retardatarias pelo atra-
zo dos bondes ou para fazerem ostentações
das *toilletes*, entram, ás vezes, na occasião
mais solemne do acto — a elevação — e
caminham fazendo tinir os saltos de suas
botinas, com um modo espalhafatozo ar-
rastando com a cauda dos vestidos as car-
tolas dos assistentes.

No fim da missa reunem-se em grupos
na porta da igreja a fazerem critica do
vestuario umas das outras, e do encontro
dos namorados... e queijandas cousas.

Nas missas fúnebres de apparato, muitos
dos que comparecem tem por unico fim
deixar o nome nas listas, que no dia se-
guinte são publicados nos jornaes, depois
vão dar o abraço do estylo nas pessoas da
familia; e alma do morto não lhes ficou
a dever supplica alguma pelo seu repouso
eterno. Em compensação, aproveitam o
enxojo de encontros e tratam de negocios
de cambio, baixa do café e em outras *coi-
sitas* mais.

Esta falta de respeito ao lugar sagrado,
mais se salienta nas pessoas da alta socie-
dade, e não deve ser classificada por fal-
ta de religião, mas... de educação.

De certo estas senhoras não farão isto
no Palacio da Presidencia, ou em outro
lugar menos nobre; ali estariam com todo
o respeito porque... lá estaria quem lh' o
fizesse ter.

Na igreja, a cousa é outra, não ha guar-
das, todo o mundo entra e o tótó tambem.

Nos cemiterios, no dia da commemora-
ção annual dos finados, quanta profana-
ção, quanto desrespeito dos proprios que
abi vão visitar os jazigos de seus paes,
irmãos, maridos, esposas e filhos.

O cemiterio torna-se um simulacro de
arraial da Penha e não estarão longe os
tempos de vermos um cordão de bahia-
nas bamboleando-se por cima das sepul-
turas.

Não é menos descurado o respeito nas
Sachristias das Confrarias.

Ali, falla-se em voz alta ouvindo-se no
Templo toda a conversa, que, ás vezes,
não prima pelo estylo, dão se gargalha-
das, e isto durante o revestimento do sa-
cerdote que vai officiar.

E, com franqueza, digam-nos: isto é
religião?

Querem um conselho? Não vão lá,
nem Deus, nem os defnitos, lamentarão
a sua ausencia.

A Camara Secreta

CAPITULO I

S. DINIZ

Era uma tarde de outonmo no anno de
1534, duas crianças encaminhavam-se, pe-
las ruas estreitas de Pariz, para a parte
mais pobre da cidade. Os seus vestidos
apezar de muito usados e desbotados ain-
da mostravam ser de material muito fino
e podia-se ver perfeitamente pelo porte
altivo do menino a figura graciosa de sua
irmazinha que eram aristocratas, de alto
nascimento mas que por qualquer motivo
achavam-se na miseria.

N'aquelle tempo ninguem de nobre
nascimento saharia sem uma comitiva de
creados, nem tão pouco criança alguma
de alto nascimento saharia sem um creado
para protegel-a. Estas crianças porém, es-
tavam sczinhas e por isso attrabiam mui-
ta attenção. Inconscientes ou pouco se
importando da attenção que excitavam,
continuavam o seu caminho, passando
lojas e a velha cathedral cujo portico es-
tava cheio de mendigos, tornando se as
ruas cada vez mais estreitas e as casas
mais altas denunciando pertencerem ao
bairro mais pobre da cidade.

A menina trazia as mãos cheias de ro-
zas e o menino parecia levar uma pilha
de livros escolares debaixo do braço. Era
elle um rapaz bonito, de physionomia ale-
gre, olhos azues destemidos, cabellos lou-
ros que mostravam não ser de nacionali-
dade franceza, e de facto nenhum dos dois
o eram; qualquer francez reconhecia isso

pelo talho elegante de suas roupas, e se parassem para ouvir a sua alegre conversa viram que fallavam inglez.

Por fim chegados a um becco mais silencioso pararam diante de uma casa muito velha e alta, cujas janellas engredadas e saccadas de madeira eram tão salientes que quasi tocavam nas do lado oposto.

As crianças subiram a escada até o ultimo andar, apenas uma vez pararam, para apanhar algumas rozas que haviam cahido das mãos da menina, o que ella fez dando uma risada, porém parou no momento que seu irmão fallou: «Cala-te, cala-te, Cecilia! Talvez o nosso pae esteja dormindo. Acabaram de subir as escadas em silencio e devagarinho, mas, evidentemente, a chegada das crianças, anunciadada pela gargalhada, já tinha sido percebida, porque ao pararem á porta de um quarto uma voz fraca e carinhosa mandou-os entrar.

Era um quarto bem pobre onde entraram; a casa era de alugar commodos e o quarto nas aguas furtadas. Não havia ali ornamento algum, quasi mobilia alguma, apenas havia o que era absolutamente necessário para suprir as necessidades do doente, entretanto bastava um golpe de vista para reconhecer se que tanto o pae como os filhos, haviam vivido em tempos passados, não sómente com todo o conforto mas até com luxo, no entretanto pareciam estar agora em meios bem apertados. Na pesada cama de carvalho jazia o pae, já moribundo, ainda que seus filhos não o sabiam; parecia muito com seu filho; os raios do sol entravam pelas janellas brilhando sobre o seu rosto pallido e reflectindo sobre a colxa rendada. Tinha elle o mesmo olhar destemido, ainda que o brilho já se havia obscurecido pelas tristezas e molestias, a mesma porção de cabello ondeado — ainda que ouro — embraequecera tornando-se em prata, mas no rosto do moribundo havia uma expressão de paz e calma interna que ainda faltava em seu filho, em cuja jovem fronte brilhava o orgulho e força de vontade da infânceia.

«Olha querido papae!» gritou Cecilia correndo para o doente que sorria. «Aqui estão rozas — cheira-as!» E espalhou-as sobre a cama.

«Ah crianças, já estivestes outra vez gastando os vossos vintens em mim!»; foi a

resposta baixa, e os olhos encheram-se de lagrimas.

«Não», respondeu rapidamente seu filho, «para ti elles nunca são gastos». Depois segurando a mão de seu pae, ajuntou: «Estás melhor agora, meu pae?» «Certaamente estou melhor, querido rapaz, melhor no coração, ainda que não esteja no corpo.»

«E em breve ficarás bom e forte?» disse Cecilia, sentando-se na cama ao lado do doente, sorrindo entre suas flores: «Oh, querido pae, fica bom depressa!» Ajuntou elle, de repente vehementemente. «Ha seis mezes não estavas doente — é só aquella tosse! E' triste passeiar sem ti — é tão triste que eu e Bertram, ao passarmos hoje por uma igreja, entramos e rezamos por ti, ao bemdito S. Diniz — rezamos como nunca. Oh, pae, eu sei que elle ha de responder aquella oração!»

Uma sombra parecia ter descido por um momento sobre o semel-lante pallido, e sorrindo tristemente perguntou, collocando a mão ternamente sobre a cabeça da menina: «E porque a minha menina escocheceu o S. Diniz de todos os outros santos?»

«Porque? Porque elle é o teu patrono, pae, e elle deve amar-te.»

«Preferia que orasses a Deus, minha filha,» disse o pae vagarosamente e parecia hesitar.

«Orar a Deus!» repetiu Bertram, em tom de surpresa interrogatoria. «Mas papae, nós não ousamos recorrer a Elle, senão pela Santa Maria ou por um dos santos, pois Elle é tão grande que não ouviria a taes orações como a minha e de Cecilia.»

O menino disse estas palavras com firmeza, e um rubor de dor cobriu o rosto do pae ao ouvilos. Ficou silencioso por um momento e então perguntou seriamente a seu filho: «E quem te disse que o bom Deus não ouviria as orações das crianças, Bertram?» «Oh, eu sempre soube d'isso,» disse o rapaz levianamente. «E também tu, pois não, mana?»

«Sim, certamente!» disse a criança, olhando admirada para o pae. «Eu sempre rezo por meio da Santa Maria e a meiga Santa Ignez, ajuntou ella simplesmente. «E nunca por meio do Senhor Jesus?»

As palavras resoaram pelo quarto silencioso, e as crianças olharam embaraçadas uma para outra.

«Ai de mim, é culpa minha! Senhor tem misericordia d'estes pobres cordeiros!» murmurou o doente, e parou ao ouvir uma pancada forte na porta.

Continua.

Publicações Recebidas

Relatório da Sociedade de Evangelização do Rio de Janeiro, de Junho de 1901 a Setembro de 1902.

Esta sociedade mantem os ministros, Rev. Leonidas da Silva, para tomar conta da Igreja de Nictheroy, e Rev. A. Marques para tomar conta da Igreja do Encantado.

E auxilia o Rev. José Ortoli para tomar conta da igreja de Passa Tres. Contribuiu tambem para algumas viagens evangelisticas.

Na igreja de Nictheroy 10 pessoas professaram durante o anno.

Do Balanço vemos que o saldo em 30 de Julho de 1901 era de Rs. 7:712\$480.

Entram durante os quinze meses, de contribuições regulares de socios, collectas das igrejas, donativos diversos, e juros Rs. 11:867\$060.

As despezas com os ordenados dos evangelistas, viagens, suas mudanças e outras pequenas despezas, importaram ate 30 de Setembro em Rs. 12:501\$900 ; deixando portanto um saldo de Rs. 7:079\$560.

Revelações clericas, ou o romanismo contrario ao verdadeiro amor— pelo ex-vigario J. M. Soley. Folheto de 75 paginas, editado em Porto Alegre, Dezembro de 1902. Verdadeiramente interessante e instructiva da moral romana, a descrição que o author faz faz de scenas e factos que foram por elle como sacerdote romano, observados pessoalmente. Em outra parte do jornal tomamos a liberdade de transcrever judiciosas considerações que o author faz, e que ditos por elle, tem maior valor, e podem causar grandes benefícios, aclarando a cegueira espiritual de alguns credulos romanos.

Origem de Imersão como modo do Baptismo; folheto de discussão sobre o baptismo, traduzido do Inglez.

Da *Liga Operaria Antoninense* recebemos atentioso officio-circular, solicitando a remessa da nossa revista para a sua biblioteca ; o que faremos de bom grado.

Relatório da Direcção do «Gabinete Portuguez de Leitura, em Pernambuco, de 1902—1903.

Agradecidos pela remessa.

A Reacção. Recebemos o 1º numero deste paladino anti-clerical que saiu á luz em Antonina, sob a direcção do Sr. Julio Pernetta.

Longa vida lhe desejamos.

NOMICÁRIO

FELICITAÇÕES. — Temos recebido muitas felicitações de anno bom, umas dirigidas individualmente a cada um dos redactores, outras collectivamente á Redacção. Para evitar enganos e esquecimentos, pois foram bastantes os cartões guardamos, sem publicá-las, as ditas felicitações, e agradecemos sinceramente a todos esses irmãos e amigos que se lembraram de nós, e retribuimos *ex-côrde* as suas felicitações.

REV. ANTONIO TRAJANO. — Recebemos deste nesso amigo e irmão um exemplar da sua ultima obra «Estudo da Lingua Vernacula» contendo o ensino da etimologia, prosodia e orthographia. Tem 112 paginas. Ainda que não muito habilitados a uma critica analytica, parece-nos que é uma obrinha de grande utilidade prática, não sómente para os que começam a aprender as bellezas e dificuldades da nossa lingua, mas tambem para os adiantados no profundo conhecimento da lingua vernacula. O esgotamento rapido da edição melhor falará sobre o valor da obra.

CHEGADA. — Chegou do Rio Grande do Sul, aonde tinha ido visitar sua exma. familia, o nosso caro irmão Alvaro de Almeida. Pouco aqui se demorou, partindo logo para S. Paulo a tomar conta do importante cargo de Secretario Geral da novel Associação Christã de moços d'aquella cidade.

EVOLUCIONISTA. — Recebemos alguns numeros deste hebdomadario que começou a ser publicado em Maceió, Alagoas, em Agosto do anno p. p. E' jornal de grande formato e muito bem redigido. Permutaremos com prazer,

DESGRAÇA EM PERSPECTIVA. — Noticiam os jornaes que o Papa Leão XIII mandou a *celebre* benção papal para o Sr. Presidente da Republica ; e de quebra mandou a tambem para o Sr. ministro da Justiça. Ora, já é publico e notorio qual o valor dessas bençãos papaeas ; transforma-se em maldição para o objecto que visam - homens e cousas. Até os proprios catholicos já conhecem essa justa fama da benção papal.

E' uma benção que mette medo !

Pois agora, para nosso caiporismo o papa lembrou-se de descarregar uma dessas terríveis bençãos sobre o Presidente da Republica ! O valor medonho dessa benção papal nós já o apreciamos bem recentemente sobre o Dr. Campos Salles. Elle começou como o Dr. Rodrigues Alves, animado de boas intenções ; veio-lhe a benção papal, e elle acabou o governo como todos sabem !...

Que benção terrível !

Mas o Dr. Rodrigues Alves pode conjurar o grande mal que o ameaça : é não aceitar a dita benção, ou não se importar com ella. Faça o mesmo o Sr. Ministro da Justiça, e si verá livre de um grande perigo.

Nós todos ganharemos com isso.

EX-PADRE ROMANO. — Acha-se nessa capital, vindo do Rio Grande do Sul o ex vigario J. M. Soley, que durante muitos annos combateu nas fileiras do romanismo, e que ultimamente se converteu ao Evadgelho puro, e professou na igreja methodista de Porto Alegre.

Accedendo ao convite de irmãos, tem dirigido o culto em varios logares ; e pregou duas vezes na nova sala de cultos em Botafogo. Damos os sinceros parabens a esse nosso irmão e esperamos em Deus que elle se mantenha firme no seu novo posto de combate pela causa de Nosso Senhor Jesus Christo.

CULTO EM BOTAFOGO. — Inaugrou-se no dia 1º deste anno, a pregação regular do Evangelho em um salao á Rua da Passagem 37, Botafogo, conforme tinhamos anunciado ha 2 mezes. Os cultos são feitos aos Domingos, ás 7 da noite, dirigindo as reuniões diversos ministros do Evangelho. Das 6 ás 7 da noite, ha uma classe bíblica para creanças e adultos. A frequencia de crentes e extranhos tem sido sempre muito grande,

A Commisão promotora é composta dos irmãos Srs. Pedro Perestrello da Camara, Severino Amaral e Alfredo Pinto da Gamma ; e um grupo de crentes contribue regular e mensalmente com uma certa somma para as despezas, e manutenção do culto.

O EVANGELISTA GRUBB. — Este celebre evangelista, que já em tempos passados esteve no Porto e Lisboa, onde fez uma boa obra, bem como, no Egypto, na Argentina e no Rio de Janeiro, chegou de novo ao Porto no dia 25 de novembro, encetou logo as suas espirituas conferencias, principiando pelo Candal, onde apesar da chuva ser torrencial a assistencia foi grande.

Depois de acabar as conferencias no Porto, vai com o S. Wrighter á S. Miguel e na volta fará as conferencias em Lisboa, talvez e.n Fevereiro. Pede-se as orações dos crentes, para os trabalhos daquelles servos de Deus.

DESENVOLVIMENTO DO EVANGELHO EM PORTUGAL. — De uma carta do nosso irmão M. S. Carvalho, de Lisboa, extrahimos as seguintes noticias :

« Não tenho tempo para narrar detalhadamente o grande despertamento do nosso povo para ouvir o Evangelho. O povo anda como no tempo de Jesus, Matheus IX:36. Na minha ultima viagem missionaria de 29 de novembro a 8 de dezembro, cheguei a terras onde nunca tinha ido. « E entrei em casa de uma familia, a quem annunciei o evangelho e o aceitaram, e me convidaram a voltar o mais breve possivel ».

Sinto-me cheio de júbilo e contentamento, nesta minha curta mas custosa viagem. Nada menos de 10 pessoas declararam, querer servir e seguir o Senhor Jesus ; sendo algumas delas de avançada idade, entre essas uma senhora com mais de 90 annos, deu muitas graças a Deus, pela misericordia que usou com ella, e disse que não só na vida, mas tambem na morte deseja confessar publicamente ao Senhor Jesus, sendo baptizada em seu nome, e depois da morte sepultada evanglicamente.

E' obra do Espírito Santo e não minha nem de algum outro. (Actos 2:47).

Visitei a familia do nosso irmão sr. Nobrega, todos aceitaram o Evangelho, e

offereceram a sua casa para lá se pregar as palavras da vida.

Tinham a sala cheia de ídolos, mas tendo conhecimento que a palavra de Deus condenma aquellas cousas, o irmão mais novo do sr. Nobrega, sem ninguem mandar, uma noite fez desapparecer tudo aquillo de casa. (1.^a Thes. 1:9 10).

«Esta familia agora está soffrendo perseguição».

Os irmãos devem orar por esta familia, pois estão como ovelhas no meio de lobos.

HYMNO NOVO.—No proximo numero, se já tiver sahido da Alfandega, esperamos publicar a chapa que contem as palavras e a musica do hymno *Estou Prompto* do nosso caro amigo e irmão Myron A. Clark, em tamанho uniforme com os livros de Musica Sacra.

Estamos certos que os nossos leitores apreciarão este nosso esforço.

PERNAMBUCO.—Recebemos a seguinte noticia :

A Igreja Evangelica Pernambucana, realisou no dia 31 de Dezembro a sua reuniao de vigilia. A's 8 horas da noite, achando-se o vasto salão inteiramente repleto de assistentes, foi iniciado o serviço pelo Pastor Alexandre Telford obedecendo a um programma por elle elaborado.

Cantado o hymno 172 seguiu-se a leitura do Psalmo 102 pelo mesmo irmão.

O irmão Manoel de S. Andrade procedeu á leitura do relatorio por si elaborado referente ao movimento moral e material da igreja durante o anno.

Falou o irmão Charles Kingston dando o relatorio de sua recente viagem missoria pelo interior, seguindo o cantico do hymno 331. Seguiu-se com a palavra o Rev. Mc. Call, o qual tomando por thema o versiculo 17 do cap. 29 de 2^a Paralip. fez um brilhante sermão animando a igreja a encetar uma nova phase de vida ; cantando-se o côro 228. Falou o Rev. Jeronymo Queiroz, dissertando brilhantemente sobre o amor de Jesus Christo ; cantando-se em seguida o hymno 163, e orando o mesmo irmão.

O irmão Ulysses de Mello tomou a palavra e dirigiu se especialmente aos moços e ás moças concitando-as para com denodo entrarem nes pugnas em prol da evangelisacão patria.

O irmão João da Fonseca usando da palavra exhortou a igreja, com relação ao

amor com que deve tratar aos que a apascentam sendo ao terminar, cantado o côro 248. Dirigiram ainda palavras de animação e exhortação os queridos irmãos José Mariz, Pedro Campello, Charles Kingston, Monoel Rodrigues Leite, Francisco Queiroz, e Laurindo Moreira, cantando-se em seguida o hymno 159. Faltando apenas 3 minutos para o surgir de 1903, a congregação prostrou se em oração a Deus guiada pelo irmão Mc. Coll, sendo em conclusão cantado o hymno 185.

EDMUNDO LOPES.—Este jovem, alumno do collegio Mackenzie, de S. Paulo, e filho do nosso amigo e irmão na fé, sr. Antonio Gonçalves Lopes, mui digno presbytero da Igreja Fluminense, cahiu gravemente doente pouco tempo depois que aqui chegou, onde vinha passar suas férias. Foi necessário uma intervenção cirurgica. Hoje, graças a Deus, acha-se livre de perigo ; embora ainda continue de cama. Congratulamo-nos no Senhor, com seu pai, e suas dignas irmãs dd. Anna e Mercedes Lopes.

MADEIRA.—Dessa ilha foi nos remetido o nº do «Diario de Noticias» que ahi se publica (Director—Barão do Jardim do Mar) que traz um excellente artigo de fundo, sob o titulo «Intolerancia» em que imparcialmente se censura e se profliga as arauças e as perseguições que o Sr. Smart tem soffrido por parte de uma turba de fanaticos romanos. O jornal defende o protestantismo (o que é um bom signal) ; e lembra, como aviso, os factos deprimentes succedidos com o Dr. Kalley, em 1843, quando de lá foi expulso ; e que custaram ao governo portuguez mais de 30 contos de reis fortes, de indemnização, que teve de pagar por intervenção do governo inglez ! Portanto, mais cuidado, hoje...

UM CONSAGRADO DE ROMA.—Escrevem nos que o parôcho de S. João Marcos, (villa do Rio de Janeiro) quando para ali foi, levava consigo uma irmã, viúva com filhos, porém este não viu com bons olhos, o procedimento do seu irmão padre, que andava sedusindo a professora publica do lugar, e mulher do velho e dentio negociante Telles.

O padre não querendo ouvir a reprehensão de sua irmã botou-a fóra de casa ; e roubou a mulher do negociante Telles, a professora.

O escândalo manifestou-se, o padre mudou-se para Passa Tres, e de vez em quando ia a S. João Marcos, até que metteu-se na casa do negociante Telles, e um dia houve um barulho tão grande em casa, que acudiu o povo: era o padre que estava esmurrando e sovando o pobre velho Telles, que, se não fosse o cosinheiro, o matava.

Ainda assim o padre, e a professora, mulher do velho Telles, botaram este fóra da sua propria casa, indo elle refugiar-se na casa do negocio.

Depois deste grande barulho e escândalo, o padre com a adultera montaram a cavallo, e seguiram com a bagagem para Passa Tres.

As familias devem se acautelar não dêm entrada em suas casas aos taes consagrados; pois não ha nada peior, do que um homem no ocio, e bem cevado como são em geral os padres.

Pelos seus fructos os conhecereis, acautelem-se pois as familias.

LAURESTOS.—O « Estandarte » de 22 de janeiro, na correspondencia do rev. Themudo Lessa, sobre a sua viagem evangelistica pelo interior de S. Paulo, dá noticia do falecimento do menino Lauresto, filho do irmão João F. Garcia, de Ribeirão Claro; e do baptismo de Lauresto, filho de José Rosa de Godoy, da igreja presbyterianana de Agua Limpa.

Archivamos mais este homonymo do pseudonymo do nosso companheiro de redacção.

IGREJA PRESBYTERIANA DO RIO.—No relatorio lido em Assembléa Geral dessa igreja no dia 15 do corrente, verificou-se que durante o anno passado foram admittidos como membros da referida igreja 52 pessoas adultas, sendo 33 por profissão de fé, 18 por carta demissoria de outras igrejas e 1 readmittida. Foram baptizadas 27 crianças.

O movimento da caixa foi de 29 contos de reis; e o patrimonio está elevado a 250.000\$000.

IGREJA PRESBYTERIANA DE NICTEROY.—Por um esforço especial e meritorio de um grupo de irmãos presbyteriananos, estão levando avante a conclusão das obras da igreja, que durante muito tempo estiveram paradas, á falta de recursos. Esperamos que agora os irmãos levem

avante o seu louvavel intento, com o auxilio caridoso dos que podem. O pastor actual da igreja é o rev. Franklin do Nascimento.

BELLESAS DO ESPIRITISMO.—Cortamos os seguintes annuncios dos jornaes diarios desta capital:

ESPIRITISMO

Todos aquellos que estão em qualquer embaraço e que desejam tirar-se delle.

Todos os que queiram ter bom exito no que trabalham.

Todos que queiram saber o seu futuro.

Consulta ao professor Louis das 12 ás 4 da tarde e das 7 ás 9 da noite.

ESPIRITA

Um de 1^a ordem diz com clareza os mysterios da vida e garante a cura de todas as molestias, tem salvo até hoje 832 pessoas desenganadas. Sessões especiaes das 11 ás 3 horas da tarde.

NOVIDADE DO JOGO DO BICHO

O NOVO REVELADOR

ou o jogo pelas cartas, por meio do espiritismo, folheto 1\$; vende-se na travessa do Rosario, etc.

Explendida religião!...

Sem commentarios.

IGREJA FLUMINENSE DE NICTEROY.—Estão bem adiantadas as obras da construcção da nova igreja, que está sendo construida á rua da Praia, sob a direcção central da Mesa do Patrimonio da Igreja Fluminense do Rio.

O aspecto actual das obras já mostra o que virá a ser dentro de poucos mezes, o templo da Igreja Evangelica de Nictheroy. Mas é preciso lembrar que o dinheiro em caixa não chega, por isso os irmãos devem ir concorrendo liberalmente para que não haja falta no fim.

PERSEGUIÇÃO.—No nosso numero passado relatámos que o rev. Orton, de Passa Tres, viera a esta cidade e á Petropolis, queixar-se ás autoridades da cruel perseguição de que foi victima, no exercicio de suas funcções evangelisticas, perseguição movida pelos fanaticos romanos. Vimos agora publicados nas folhas alguns actos officiaes que demonstram que os poderes estadaoaes não foram surdos ás reclamações.

Foram substituidas as auctoridades

convintes nas perseguições que ali se moviam contra nossos irmãos, e o dr. Alvaro Tefé, chefe de polícia fez baixar a seus delegados a seguinte circular :

« Repartição Central da Polícia do Estado do Rio de Janeiro, Petropolis 15 de de dezembro de 1902.

CIRCULAR

« Tendo a Constituição Federal garantido a liberdade de cultos, recomendamos, sob pena de responsabilidade, que seja aí garantida a livre prática do culto protestante e bem assim a segurança individual dos respectivos religiosos.

Do assumpto da presente circular dareis ciencia ás auctoridades vossas subordinadas. — Chefe de Policia, — ALVARO TEFÉ.

Resta agora fazer com que as auctoridades policias cumpram a recomendação.

HOSPITAL EVANGELICO FLUMINENSE. — A fachada deste edificio, já concluída, apresenta um lindo aspecto. Tem se feito muito em favor desta instituição, porem muito resta a fazer ainda, para a conclusão das obras.

CONFERENCIA. — No dia 2 de fevereiro, realisa-se na Igreja Presbyteriana, as 7 horas da noite uma conferencia em favor do hospital, sendo orador o rev. F. Soren.

COUPONS. — Para o hospital recebemos de Christinha Soares do Couto 700 coupons de diversas companhias, e 2485 de Rachel Caldelas, que fizemos entrega para os devidos fins, ao sr. Severino Amaral, thesoureiro da Associação.

O PRINCIPE D. LUIZ FELIPPE. — Escrivem-nos de Portugal : — « Falla-se de que o rei d. Carlos foi a Inglaterra por causa do futuro enlace do principe d. Luiz Felipe com a neta da rainha Victoria e sobrinha do rei Eduardo, a princesa Victoria Patricia.

Do que haja de verdade sobre isto não podemos dizer nada, agora, mas se isto se realizasse e se a princesa não abjurasse, parece que isto seria devéras um casamento muito auspicioso para a obra da evangelização de Portugal. Em fim, mal podemos prever o que será para nós no dia de amanhã, mas estamos certos de que o Senhor nos vae carceder grandes bênçãos e que o santo evangejho ha de triumphar ».

IGREJA E. FLUMINENSE. — Durante o anno de 1902 esta igreja recebeu 25 membros e excluiu 6. Falleceram durante esse tempo 5 membros.

— No domingo 4 de Janeiro foram recebidos como membros, sendo baptizados, as seguintes pessoas, a quem felicitamos :

João Rodrigues Moreira, D. Beatriz Martins Moreira Mattos e Pedro Pereira da Silva.

CASAMENTOS. — No dia 17 de janeiro casou-se o nosso amigo e collaborador, sr. Jésse Jansen Tavares, com a distincta senhorita d. Dalila Flores Ferreira, ambos membros da Igreja presbyteriana desta capital. Celebrou o acto religioso o rev. A. Marques, pastor da Igreja Fluminense do Encantado.

Desejamos ao joven par uma deliciosa lua de mel.

— Tambem recebemos a participação do casamento do rev. Othoniel Motta, distinto ministro do evangelho, com aexma. sra. d. Rosalina Paes de Barros.

Nossas felicitações.

NASCIMENTO. — Nossos irmãos e amigos Sr. Henrique de Oliveira e Silva e sua esposa D. Noemi, nos participaram o nascimento de sua primogenita — Manoelita, — no dia 10 de Janeiro, em Santa Thereza.

Nossas sinceras felicitações aos jovens pais.

FALLECIMENTO. — Foi chamado ao céu no dia 18 do corrente, a 1 hora da tarde, o sr. João Ferreira da Silva Braga, digno presbytero da igreja presbyteriana desta capital. Falleceu com 51 annos de idade. Nossos sentidos pesames à sua família.

SECRETARIO GERAL DAS UNIÕES CHRISTÃAS. — O Comité Internacional de Genebra, enviou a Portugal o sr. Rodolpho Horne, como secretario geral a fim de efectuar reuniões.

As conferencias que fez em Lisboa foram muito concorridas, e de muito proveito, tanto para os unionistas como para o publico.

E' um obreiro muito espiritual e cheio de santo entusiasmo !

Foi tambem a Porto Alegre e Figueira do Foz, etc.

Que o Senhor não o desampare é o nosso desejo.